) DANTAS

1023

EPISÓDIO
EM VERSO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON, de LELO & IRMÃO
EDITORES
Rua das Carmelitas, 144

1914

1023

Episódio em verso, representado pela primeira vez no Teatro da República, de Lisboa, em março de 1914.

Teatro de Júlio Dantas

O que morreu de amor (2.ª edição) — 1899.
Viriato Trágico — 1900.
A Severa (2.ª edição) — 1901.
Crucificados (2.ª edição) — 1902.
A Ceia dos Cardeais (14.ª edição) — 1902.
D. Beltrão de Figueirôa (2.ª edição) — 1902.
Paço de Veiros (2.ª edição) — 1903.
Um serão nas Laranjeiras — 1904.
Rei Lear — 1905.
Rosas de todo o ano (4.ª edição) — 1908.
Mater Dolorosa — 1909.
Santa Inquisição — 1910.
O primeiro beijo — 1911.
D. Ramon de Capichuela — 1911.
O reposteiro verde — 1912.
1023 — 1914.

JÚLIO DANTAS

1023

EPISÓDIO EM VERSO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON, de LELO & IRMÃO
EDITORES
Rua das Carmelitas, 144

1914

AO ILUSTRE ESCRITOR

ANTERO DE FIGUEIREDO

FIGURAS

Um cauteleiro	CHABY PINHEIRO
Um carteiro..	PINTO COSTA
Um sujeito que lê	MANUEL PINA
Uma *bonne*	ANA ESPINOZA
Uma criança	N. N.

LISBÔA — ACTUALIDADE

1023

Jardim público de Lisboa. Um banco á E. B.; perto, um marco do correio. Outro banco á D. F., no alinhamento do primeiro. Tarde de sol. Passa pouca gente. No banco da E. B., uma «bonne» loira, de avental branco, brinca com uma criança. No banco da D. F., um burguez velho, sêco, de suissas, fraque preto, lê um jornal. ROMÃO, *carteiro, palidez de cardíaco, casacão de mescla, mala de coiro, entra pelo F. D., abre a caixa do correio, tira as cartas, mete-as na mala; depois assenta-se no banco da E. B., ao pé da «bonne», pousa a mala, tira o boné, limpa o suor com o seu grande lenço d'Alcobaça.*

A BONNE, *levantando-se, mal o carteiro se assenta, e chamando a pequena, que brinca em volta do banco:*

Ande, venha, Mimi.

O CAUTELEIRO, *entrando pelo F., a apregoar a lista, calça de belbute, boina, lenço de pintas azues ao pescoço:*

Quer a lista geral!

Ao sujeito que lê:

Quer a lista?

O SUJEITO, *furioso:*

Não vê que estou lendo o jornal?
Malcreado!

O CAUTELEIRO, *afastando-se:*

Está bom. Basta.

O SUJEITO, *continuando a lêr:*

Praga maldita!

O CAUTELEIRO, *á bonne, que passa junto d'êle com a criança pela mão:*

O que vale é assim uma cara bonita,
De vez em quando.

A BONNE, *saíndo pelo F.:*

Tolo!

O CAUTELEIRO, *vendo o carteiro e aproximando-se:*

A lista, ó camarada.

ROMÃO *não responde; o* CAUTELEIRO *insiste:*

Vêr a lista geral?

O CARTEIRO, *sem o olhar:*

Não.

O CAUTELEIRO

Não tem jogo?

O CARTEIRO

Nada.

O CAUTELEIRO

Quê? Então não jogou esta semana?

O CARTEIRO

Não.

Olhando-o, com estranheza:

Como sabe você que eu jógo?

O CAUTELEIRO, *rindo:*

Seu Romão!
Olha! Não me conhece! — O 15... O Zé Canelas!

O CARTEIRO

Então vocemecê anda a vender cautelas,
Homem?

O CAUTELEIRO

Ando.

O CARTEIRO

Você já não está ao serviço?

O CAUTELEIRO

Já lá vai o boné.

O CARTEIRO

Castigo, ou que foi isso?

O CAUTELEIRO

Qual castigo! Ninguem me castigou.

O CARTEIRO

Hom'essa!

O CAUTELEIRO

Uma coisa qualquer que me deu p'la cabeça
E vai d'aí, — adeus. Pedi a demissão.

O CARTEIRO

Falta de juizo, é que é.

O CAUTELEIRO, *assentando-se nas costas do banco:*

Falta de vocação.
Inda não é quem quer que pode ser carteiro.
Tem mais futuro, sim, ganha-se mais dinheiro,
É uma posição mais decente, é verdade...
Mas isto, meu amigo, é outra liberdade!

O CARTEIRO

E isso da venda, deixa alguma coisa?

O CAUTELEIRO

Pouco.

Por causa do pregão andei três mezes rouco.
Outro mez no hospital... — Emfim, Deus nos ajude.

Depois dum silencio, mudando de tom:

E por lá, vomecê, como vai a saude?

O CARTEIRO

Cançado. Incham-me os pés. Depois, não durmo nada...
Dizem que é coração.

O CAUTELEIRO

Sobe-se tanta escada!

Pausa:

E a petiza?

O CARTEIRO, *a rir, com bonomia:*

A petiza? A minha neta? Bem.
Coitadinha, — morreu-lhe ha seis mezes a mãi.
Tem o avô de a deitar, de a vestir, de entrete-la...
Se eu morro para aí, que ha-de ser feito d'ela!

O CAUTELEIRO

Não pense n'isso.

O CARTEIRO

Penso. E penso muita vez.

Mudando de tom, como afastando um mau pensamento:

O número da sorte?

O CAUTELEIRO, *mostrando-lhe a lista:*

É o mil e vinte e três.

Não tem jogo?

O CARTEIRO

Comprei qualquer coisa, ha dois dias.
Costumei-me a jogar todas as loterias
N'um vigéssimo. Três tostões.

Tirando a carteira do bolso:

Está aqui.

O CAUTELEIRO

Que número?

O CARTEIRO

Não sei.

O CAUTELEIRO

Inda não viu?

O CARTEIRO, *metendo a carteira no bolso:*

Não vi.
Ha seis anos que jógo, — e de sorte, nem raça.

O CAUTELEIRO

Dê-m'o cá, ti' Romão, que eu vejo-lh'o de graça.

O CARTEIRO

Não quero. É da pequena. — Está uma mulher.
Comprei-o para ela, — ela é que o ha-de vêr.
Abri-lo, a rir, e lêr o número ao avô.
Faz os sete anos hoje. É a prenda que eu lhe dou.

O CAUTELEIRO

Deixe vêr sempre.

O CARTEIRO

Não. Vai ela vê-lo ao estanco.

Com tristeza, tirando o tabaco:

E depois, para quê? Isto sai sempre branco!

Oferecendo:

Um cigarro?

O CAUTELEIRO, *tirando um cigarro:*

Pois vai.

Vendo o Romão acender a isca:

Tome tento com isso.

O CARTEIRO

Mas você, porque foi que deixou o serviço?
Que diabo! Isto já foi peor do que é agora.
Deitar oito tostões pela janela fóra!
O pão certo, — e depois, o amparo da velhice...
Ou eu me engano muito, ou você fez tolice.

O CAUTELEIRO

Sim, talvez.

O CARTEIRO

Só se alguem o ofendeu...

O CAUTELEIRO

Não. Ninguem.
O serviço era pouco e tratavam-me bem.

O CARTEIRO

Nenhum castigo, nem...

O CAUTELEIRO, *com orgulho:*

Nem uma repreensão!

O CARTEIRO

Mas houve uma razão...

O CAUTELEIRO

Sim, houve uma razão.
Que diabo! Um passo assim não se dá sem motivo.

O CARTEIRO

Nomearam outro supra?

O CAUTELEIRO

Eu já era efectivo.
Não. A coisa foi outra. Olhe: quer que lhe diga?
A minha demissão deu-m'a uma rapariga.
Não devia ir-me embora; êle as razões são boas;
Mas isto, a gente cria afeição ás pessoas,
E depois custa muito... A vida é uma cadela!
Isto, ter coração...

Mudando de tom e escondendo a comoção:

Venha lá a cautela.
Deixe vêr isso. Fica a história p'ra outra vez.

Cantarolando, pensativo:

O número da sorte é o mil e vinte e três...

O CARTEIRO, *depois d'um silencio:*

Foi uma rapariga então, que... que...

O CAUTELEIRO

Coitada!

O CARTEIRO

Mas que demónio foi que ela lhe fez?

O CAUTELEIRO

Hum... Nada.

Recordando, vagamente:

Ha sete mezes... Tinha entrado a primavera...

O CARTEIRO, *a medo:*

Companheira?

O CAUTELEIRO

Não, não.

O CARTEIRO

Irmã?

O CAUTELEIRO

Tambem não era.

O CARTEIRO

Noiva?

A um movimento do outro:

Pode dizer, homem. Sou seu amigo.

O CAUTELEIRO, *com tristeza:*

Sim, ela ia casar, — mas não era comigo.

O CARTEIRO

Nem companheira, nem irmã, nem namorada...
Que se importa você, se ela não lhe era nada?
E que fosse! As paixões — inda as que mais consomem! —
Não valem o futuro e a carreira d'um homem.

O CAUTELEIRO

Eu lhe conto.

Depois d'um silencio:

Ha um ano, ano e meio talvez,
Tive a distribuição...

O CARTEIRO

Da zona 2?

O CAUTELEIRO

Da 3.
N'esse tempo — envelhece a gente a recordar! —
Na rua da Barroca, oitenta, quarto andar,
Morava uma pequena, olhos grandes, airosa,
Que engomava p'ra fóra e se chamava Rosa.
Nunca vi uma côr de péle tão bonita!
Sustentava um irmão pequeno, coitadita,
Mas sempre tão alegre e sempre tão contente,
Que só o vê-la rir dava alegria á gente!

O CARTEIRO, *querendo recordar-se:*

Rosa...

Vivamente:

Uma russa?

O CAUTELEIRO

Não. Trigueira. Ha mais Marias.

Pausa:

Eu ia-lhe levar todos os oito dias
Uma carta do *Rio*. Amores, com certeza.
Não falhava: em chegando a Mala Real Ingleza,
Lá vinha para a Rosa a carta do Brazil.
Comecei com a zona aí por fins d'abril:
Pois durante o ano todo — o que o destino engana! —
A carta não falhou uma única semana.
Quarta-feira, era certo: esperava-me á janela.
E em me vendo chegar, — ai, a alegria d'ela!
Ria, batia as mãos, par'cia uma criança!
Dava logo a noticia a toda a visinhança,
Ia a correr á porta, — e eu não via mais nada,
Subia de galgão oito lanços de escada:
— «Adeus, menina Rosa, então como passou?»
Uma escada tão alta, — e nunca me cançou!

Pausa, recordando-se:

Uma vez — é verdade! — uma vez, tardei mais.
Muita correspondência, uns poucos de jornais...
Não me esperava já. Quiz experimentá-la.
Entrei, peguei na carta, escondi-a na mala,
Subi a escada a rir, toquei á campainha...
— «A respeito de carta era uma vez, Rosinha!
Hoje não veio!» — «Não?» — Poz-se branca, pasmada...
Se não lhe deito a mão, caía estatelada.
— «Tome lá! Aqui tem! Veja, menina Rosa!»

Fincou as mãos na carta, e ficou tão nervosa,
Tão tonta, tão contente, — inda a sinto, inda a vejo! —
Que riu, chorou, dançou, e no fim deu-me um beijo.
Quando alguem se quer bem, — veja lá, veja lá:
Um nada de papel a alegria que dá!

Pausa:

Era o meu pensamento uma semana inteira:
Ir levar a alegria á Rosa engomadeira.
Emquanto não chegava a carta, eu não vivia.
— «Que diabo hei-de fazer se ela falhar um dia?» —
Pensava. E ia sempre a tremer p'ra o correio...
'Té que um dia chegou em que a carta não veio.
Poz-se-me um nó, aqui, a apertar-me a garganta.
Tinha entrado o paquete, — e tanta carta, tanta!
Que remédio... Lá fui para a distribuição.
Havia de dizer-lhe a verdade? Isso não.
Caía para aí doente, — pobre Rosa!
A mentira é melhor porque é mais caridosa.
— «Que o *Avon* não chegou... Acontecia, ás vezes...
Uma pouca vergonha, os paquetes inglezes!
Que talvez no outro dia, ou no outro...» Pobre d'ela!
Passei na rua, olhei, não a vi á janela.
— «Ao menos não a vejo. Antes assim». — A gente...
Isto, olhar que não vê, coração que não sente!
Ficava p'rá semana. Era coisa arrumada.
Oito dias depois, outro paquete, — e nada.
Indáguei, procurei... Aquilo, pensei eu,
Ou o homem a deixou — o canalha! — ou morreu...

O CARTEIRO, *reflexivo, escutando:*

Quando gostam d'alguem são umas desgraçadas!

O CAUTELEIRO

Lá fui; passei na rua: as janelas fechadas.
Inda me lembro: as mãos puzeram-se-me frias.
Havia coisa, olá. Sem carta ha quinze dias,
A pequena, e não vinha esperar-me á janela?
Entrei na sobre-loja e perguntei á adela,
Uma alta, bexigosa: — «Olhe lá, ó visinha.
Que é da menina Rosa?» — «Está doente.» — «A Rosinha?»
— «Tem estado muito mal. Já lá foi o doutor...»
Quiz ir vê-la, subir, — mas sem carta era peor.
Ia affligi-la mais. Era pena perdida...
Deitei a mão á mala e lá me fui á vida.
Passou-se uma semana, outra semana inteira,
Dois paquetes, — até que n'uma quarta-feira,
Fui a vêr, — vinha carta! A carta, finalmente!
Ai, você sabe lá como eu fiquei contente!
Vêr a Rosa! Poder, p'la minha própria mão,
Ir levar-lhe a saúde, a vida, a salvação!
Que alegria p'ra ela, — e p'ra mim, que alegria!
Uma carta, um papel, um nada, — e o que valia!
Não o dava a ninguem por todo o oiro do mundo!
Entregaram-me a mala e abalei n'um segundo.
Subi a rua. Não vi gente. Não vi nada.

Já me caía em baga o suor. Galguei a escada,
Bati á porta: não responderam. Bati
Mais: ninguem. Inda mais: mas—que diabo!—era ali,
Não me tinha enganado... E ninguem respondeu.
Desço ao andar de baixo:—«A Rosinha?»—«Morreu.
Enterrou-se hontem mesmo. Estava doente ha um mez».
N'esse dia, chorei pela primeira vez.
Porque foi que a não vi? Que a não quiz vêr? Covarde!
Ai, as cartas d'amor porque chegam tão tarde?
E porque condição, porque triste segredo,
É que as rosas, Senhor, se desfolham tão cedo?

O CARTEIRO, *depois d'um silencio de comoção:*

Para que cemitério a levaram?

O CAUTELEIRO

Prazeres.
As vizinhas de baixo, umas pobres mulheres,
Informaram-me então:—«Não sabe o que a matou?
A carta que o senhor lhe trouxe ha um mez. Entrou
A adoecer... Coitada! Ha muita gente vil!
Mandaram lá dizer ao noivo p'ra o Brazil
Que ela tinha por cá um homem em Lisboa...
Falsidade maior! E êle, é claro, deixou-a...»
A carta de ha um mez, a carta que lhe dei,
Que ela aceitou a rir,—e com que eu a matei!

E a carta que talvez a viesse salvar,
Era tarde demais para eu lh'a poder dar!
Mas embora, — que diabo! O meu dever primeiro:
Tinha ali uma carta. Era eu, ou não, carteiro?
Pois bem! Ia fazer — coragem, coração! —
Pela última vez uma distribuição.
E fui ao cemitério. Era um horto, um jardim:
Coval dois mil e seis, uma cruz lá no fim...
Muito sol, muita flôr, a terra inda molhada...
Levei-lhe a última carta á última morada.
Ela já não a lia, a não ser lá do céu;
Mas havia de ouvir-me. Abri-a, e li-lh'a eu:

Recitando a carta, de cór:

— «Minha querida Rosa. Eu torno-te a escrever
P'ra te pedir perdão do que te fiz sofrer.
Sei já que me enganei (Deus lhes dê o castigo!)
Vou breve a Portugal para casar comtigo...»

N'uma lágrima:

Foi preciso morrer p'ra ser feliz... Tão nova!
Lá lhe deixei a carta entre as flores da cova,
Escondida na terra, ao pé do coração...
Duas horas depois, pedi a demissão.

O CARTEIRO, *depois d'um silencio, reflexivo:*

Desgraças! É a vida, — é o que é. É a vida.
O futuro cortado, a carreira perdida...

O CAUTELEIRO

Foi asneira, talvez. Mas que diabo, — inda bem!
Já não torno a levar a desgraça a ninguem.

O CARTEIRO

Ora! Quem sabe lá! Isto, a vida ou a morte...

O CAUTELEIRO

Meti-me a cauteleiro, — e agora vendo a sorte.

O CARTEIRO

E eu compro-a.

O CAUTELEIRO

Mas tenho, ou má estrela, ou não sei:
Ha seis mezes que a vendo, — e ainda não a dei...

O CARTEIRO

Ha seis anos que a compro, — e é sempre por um triz!

O CAUTELEIRO

Deve ser muito bom fazer alguem feliz!

O CARTEIRO, *tristemente:*

A minha matação é a petiza, coitada...
Era o dote p'ra ela, — e ficava arrumada.

O CAUTELEIRO

Deixe lá, ti' Romão. Uma vez é a primeira.
Quem sabe se aí traz a sorte na algibeira...

O CARTEIRO

Qual história!

Tirando a carteira do bolso:

É depois...

Hesitando:

Isto, assim como assim...

Resolvendo-se e tirando o vigéssimo da carteira:

Veja lá sempre o meu vigéssimo.

O CAUTELEIRO, *recebendo o bilhete dobrado:*

Pois sim.

Abre, olha, a expressão ilumina-se-lhe:

É o mil e vinte e três! É a sorte, Romão!
São seiscentos mil réis!

O CARTEIRO, *mortalmente pálido, vacilando e levando a mão ao peito:*

Ah!

O CARTEIRO

Que é lá isso? Então!

Amparando-o, aflicto:

Compadre!

O CARTEIRO, *n'uma voz sumida e estrangulada:*

A minha neta... Um irmão meu, no Porto...

O CAUTELEIRO

Então... Ó camarada! — Um copo d'água...

Vendo-o resvalar de bruços, na terra:

Morto!

Gritando:

Valha-me Deus!

O SUJEITO, *aproximando-se:*

Que foi?

O CAUTELEIRO

Um camarada meu...
Tinha jogo, quiz vêr... Dei-lhe a sorte, — e morreu.

O SUJEITO, *a um guarda do jardim, que se chega:*

Morto.

Junta-se gente: garotos, uma varina, etc.

O GUARDA, *ao garoto:*

Á esquadra. Uma maca. O chefe que m'a mande...

O CAUTELEIRO, *ao sujeito, olhando tristemente o vigéssimo e o cadaver:*

E é a primeira vez que dou a sorte grande!

CAI O PANO